

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XXIII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1984

o dedicante é o legado duma legião ou o camponês indígena (cfr. também p. 321); há que distinguir o que é sentimento religioso daquilo que não passa de moda ou simples elemento decorativo (p. 308). Um ou outro ponto poderá sofrer correcção, mas trata-se quase sempre de pormenores sem importância de maior. Assim, a ara ao *Genius Civitatis Baniensis* (p. 319) foi encontrada num sítio denominado Mesquita, a 5 km de Torre do Moncorvo, numa capela dedicada a S. Mamede e não «na região de S. Mamede» (cfr. Encarnação, *Divindades...* 1975 p. 186-8). O etnónimo Lapiteas dum texto de Panóias (p. 338) não vem citado no índice etnográfico nem é referido entre os povos do Noroeste; admitíramos, em 1975 (*Divindades...* p. 252-3), a sua relação com os *Lapithae* da Tessália; o Autor parece não partilhar desta opinião — mas não explica porque é que o não incluiu na sua lista de povos. A. Tranoy lê como *Ambieicer* um teónimo até agora referido (dubitativamente) como *Ameipicer* (cfr. Encarnação, *Divindades...* 1975, p. 87-99): desconhecia-se o paradeiro do monumento, cuja leitura o Autor reviu (onde?); estamos, porém, de acordo quanto à inexistência de argumentos susceptíveis de atribuir a esta divindade características aquáticas. O mesmo se diga quanto à autenticidade do «teónimo» *Alboceus* (p. 269), que considerámos (*Divindades...*, 1975, p. 85-86) meramente hipotético.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Francisco BELTRAN LLORIS, *Epigrafia Latina de Saguntum y su Territorium* (Cronologia. Territorium. Notas Prosopograficas. Cuestiones Municipales). Diputación Provincial de Valencia, Valencia, 1980. 183 pág., XCVI estampas.

Ora aqui está um *corpus* claro, metodologicamente correcto: explica-se na «apresentação» o que se pretende fazer, como se vai fazer e porquê; as citações são referidas à bibliografia colocada no final por ordem alfabética de autores, identificando-se a obra pelo apelido do autor e ano de publicação; índices epigráficos completos; tábuas de correspondência duplas (pela numeração do *corpus* e pela numeração dos outros *corpora*); fotografias abundantes e, dum modo geral, de boa qualidade.

F. Beltrán Lloris logrou apresentar com êxito um *corpus* epigráfico municipal, a que acrescentou quatro apêndices versando problemas de cronologia das epígrafes, a discussão dos limites do *territorium* saguntino na Antiguidade, esboços prosopográficos dos personagens senatoriais e equestres bem como dos que surgem ligados à organização municipal.

Deixando para um trabalho posterior, já em execução, mais dilatados estudos (onomásticos, sociais...) apoiados também noutras fontes (literárias, numismáticas, arqueológicas), o Autor dividiu a obra segundo um critério geográfico: vão em primeiro lugar as inscrições procedentes da área urbana da cidade; seguem-se os textos achados num raio de 10 km, os que pertencem ao *territorium* e, por último, os textos alheios a Sagunto, os

falsos e os duvidosos. Dentro de cada grupo, as inscrições seguem a ordem clássica do CIL. De cada texto se refere: descrição, leitura (segundo o método de Leiden, precedida de desenho), datação, local de achado (identificado em mapas) e paradeiro, bibliografia e pequeno comentário. Assim são tratados perto de 400 textos.

As observações relativas à falibilidade dos critérios de datação (p. 324-327) são muito pertinentes, tendo F. Beltrán Lloris preferido utilizar em conjunto diversos factores passíveis de fornecer índices cronológicos, como sejam a tipologia dos monumentos e sua decoração, as características epigráficas propriamente ditas (paginação, paleografia), o texto em si (existência ou ausência de fórmulas e de superlativos, modo de identificação dos personagens). Tudo analisado, foi possível estabelecer critérios cronológicos para Sagunto (p. 342) que coincidem, aliás, na sua generalidade, com os que se têm verificado noutras partes da Península.

Cautelosa foi também a forma como o Autor procedeu para delimitar o *territorium* de Sagunto. Afirmando que não há um critério aplicável a todos os casos, F. Beltrán Lloris sustenta que o critério básico há-de ser a configuração geográfica da zona em questão: a partir daí se procurará confirmação mediante a análise dos dados de índole arqueológica, epigráfica ou outros (caso de entidades políticas ou tribais preexistentes). Assim procedeu para o caso concreto de Sagunto: a base foi a geografia conjugada com a presença próxima de *Valentia* e *Edeta* (a Sul), a existência a ocidente dum núcleo epigráfico diferente do saguntino e (a norte) com a geopolítica, a onomástica e as epígrafes de magistrados presumivelmente saguntinos.

De maior interesse ainda a análise prosopográfica, coligindo o Autor todos os dados disponíveis acerca da biografia dos personagens em questão.

Enfim, quanto a nós, um trabalho epigráfico modelar. Um pequeno serão apenas, do ponto de vista gráfico: a utilização do corpo 12 tornou o volume demasiado espesso e, consequentemente, não muito cómodo de manusear e obrigou, por outro lado, a uma paginação com muitos brancos onde eles não seriam precisos (p. 276-278, por exemplo), com alguns cortes incorrectos e pouco espaço onde ele seria conveniente para melhor separação entre os textos (vide p. 266 e 267, por exemplo). Mas isso não é decerto da lavra do Autor, que se confirmou dotado dum espírito científico e metódico que muito nos agrada salientar. Daí que fiquemos aguardando com o maior interesse os estudos complementares que anuncia.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

G. C. SUSINI, *Epigrafia Romana*, N.º X, 1 da colecção «Guide alio studio della Civiltà Romana», dirigida por S. Calderone e S. D'Elia. Società Editoriale Jouvence, Roma, 1982. 228 pág., LXIV estampas.

Quis o Prof. Giancarlo Susini elaborar não um manual mas um guia para o estudo das inscrições romanas: «expor alguns problemas e traçar uma pano-